

Ricardo Marques

A VARANDA



COMPANHIA
DAS ILHAS

*[...] existiremos, tão pequenos
quanto pedaços de pólen na turfa,
como pedaços de vírus nos ossos, [...]*

Inger Christensen, *Alfabeto*

*Vivemos todos, simultaneamente,
o mesmo tempo do mundo.*

José Gil

H

Último domingo de Março, domingo no mundo. Equinócio de Primavera: este é o primeiro dia da Primavera. O meu horto lá fora está viçoso, os vasos continuam indiferentes a nós, tão dependentes dos elementos. Faz falta quem mova esta terra com mão segura: arar o solo, retirar a colheita, a beleza de um vegetal em flor e de uma flor desabrochando. Fazes-me falta neste dia de fronteira, em todos os dias.

Neste último domingo de Março, a cidade está ainda mais só, vê-se uma ou outra pessoa passar de máscara, outras sem máscara, outras tiram a máscara com a máscara. Múltiplas combinações. Não nos vai ser possível tirar a máscara completamente: o Carnaval passou e estamos aqui de passagem: é a Páscoa, agora.

— A hora H, o minuto M, o segundo S, dizes.

— Uma máscara esconderá o que tu dizes, mas de luvas nas mãos poderás comunicar, digo.

— Nunca saberia pôr uma máscara. Ela escorrega-me das orelhas e o branco ofusca qualquer pensamento. O vapor cega-me os olhos.

— Não precisas de a usar ao pé de mim, o tempo irá encarregar-se de nos contaminar com as histórias dos que se forem, tão presentes agora aqui.

O meu tempo só é o mesmo tempo que o de um dado elemento se eu e esse elemento estivermos no mesmo lugar, mas se eu me mover, e chegar à velocidade exacta da luz, então o tempo deixa de passar. É a natureza física do Tempo: não há espaço e tempo, há espaço-tempo, não há tempo a perder. Todas as teorias da física passam pela peneira da beleza: a busca da beleza é a busca da verdade: *a thing of beauty is a joy forever*, já te tinha dito.

Uma alegria para sempre é coisa que não pode ter ficado na História, assim com agá mudo, das histórias mudas do mundo. A história muda a história muda: *errante é a língua na boca, se os homens não forem mudos*, diz Llansol lá atrás. E lá atrás já se perguntava: qual é o sentido de toda esta história, da nossa história? Seremos doentes assintomáticos, prostrados numa varanda, meros hospedeiros? Espero não vir a ser um: vivo entre a esperança e o temor.

Enquanto isso, há uma grande personificação do vírus: falam dele como se fosse uma história de espões, coisa que quer e procura e busca hospedeiros, mas não sabe que está morta ou que vai morrer.

— Tu sabes que falas comigo como se fala com os mortos, veio a voz lá de longe dizer-me, tu sabes que me levas dentro de ti para onde quer que vás. Aqui nós somos apenas um, e não usaremos máscaras como os demais. Lembra-te de mim, lembra-te.

— Somos hospedeiros sem sabermos, este vírus é um parasita que não dá para ver de perto, visita inoportuna que nos confina em casa. Não convidamos ninguém e temos de fugir dele.

Depois disso cheguei a casa e lavei as mãos, os braços, os pés: pensei em todos os pobres do mundo, sem casa para onde ir, sem vozes que os visitem, apenas alguns parasitas. Sentei e pensei.

Tu chamaste-me de longe para jantar e não comi. A máscara comeu-me a língua e a boca.

